

Esporte de alto rendimento x Esporte participação/educação: uma luta desigual

Resumo

O presente artigo pretende demonstrar como ações voltadas para as dimensões sociais do esporte participação e esporte educação encontram dificuldades de implementação em função de concorrerem com a dimensão social do esporte de alto rendimento. Analisaremos a forma como o esporte de alto rendimento, com seus profundos atrativos midiáticos, acaba por atrair o Estado brasileiro para a sua alçada, quais são as dificuldades encontradas para atrair o público para uma atividade voltada para a ludicidade e promoção da cidadania através do esporte, e por fim faremos uma explanação sobre uma ação bem sucedida que vem acontecendo em Salvador, Bahia voltada para o esporte participação/educação.

Procuraremos, neste artigo, analisar os motivos que levaram a idéia de que o esporte propicia no Brasil, praticamente num sentido unilateral, a ascensão social dos indivíduos que o praticam o que acaba por diminuir o interesse nas práticas esportivas que não tenham na competição e no alto rendimento o seu foco.

Focalizaremos em três eixos a nossa explanação que pretende demonstrar a nossa suposição: em primeiro lugar, procuraremos demonstrar os papéis exercidos pela mídia e de como este papel pode acabar pautando o Estado brasileiro como um avalista do modelo do alto rendimento esportivo. No segundo eixo pretendemos demonstrar como surgem as dificuldades para implementação de projetos com foco no esporte participação e esporte educação, e como essas dificuldades estão relacionadas com a cultura brasileira esportiva. Por último faremos o relato de uma experiência de implementação de uma ação voltada para o esporte participação e quais as dificuldades encontradas e quais os resultados obtidos até o presente momento.

O presente artigo utilizou-se das técnicas etnográficas, da observação participante e de entrevistas com os sujeitos das ações para se chegar as conclusões aqui expostas.

Uma breve introdução: O esporte de alto rendimento e suas implicações

Para Tubino (2001), o esporte de alto rendimento ou esporte performance caracteriza-se por “trazer consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre os adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras pré-estabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade”. Define-se desta maneira por uma clara fundamentação em regras estritas determinadas por cada instituição que exerce o poder sobre sua modalidade. Seguindo o mesmo autor “Há uma tendência natural que seja exercida pelos chamados talentos esportivos, o que o impede de ser considerado uma manifestação comprometida com valores democráticos”. Podemos entender que a busca pelo desempenho, pelo brilhantismo nos esportes, é fundamentalmente uma busca pelo reconhecimento do talento individual, pela idéia de diferenciação numa sociedade extremamente hierarquizada que pouco permite e pouco promove o reconhecimento para suas classes menos favorecidas se não for através de meios esportivos ou culturais, como é o caso da sociedade brasileira. Não é difícil ouvirmos falas entre os pais ou mesmo entre os jovens de que eles estão tentando adentrar no meio esportivo para “ser alguém”, o que por definição nos remete a idéia de que se não for por esta via o jovem continuará a ser um “ninguém”.

Em contraposição o mesmo autor coloca que o esporte participação é “o esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social de seus participantes”, é de se notar que, nesta visão, o esporte perderia ao seu viés utilitário, viés este, considerado de suma importância pelo esporte de alto rendimento, na visão do alto rendimento esportivo deve-se sempre realçar os ganhos e

destacar os indivíduos que o praticam tornando-os diferenciados em função de sua técnica.

Em relação ao esporte educação o mesmo autor considera que “deve ser entendido no processo educacional de formação das pessoas, deve também ser considerado como um caminho essencial para o exercício pleno da cidadania no futuro individual das pessoas”, nesse sentido o esporte se torna parte da formação do indivíduo e torna-se uma ferramenta importante para o desenvolvimento pleno das pessoas. A combinação esporte participação/esporte educação cria a possibilidade de uma inserção diferenciada do esporte na sociedade, contudo estas duas dimensões não possuem, no imaginário social brasileiro, a possibilidade de ascensão social virtualmente criada pelo esporte de alto rendimento.

A prática esportiva de alto rendimento tem se tornado aparentemente¹ um meio seguro e eficaz de possibilidade de ascensão social para jovens de comunidades pobres nos países em desenvolvimento. Com efeito, ações voltadas para a prática esportiva geralmente mobilizam as comunidades e despertam um grande interesse por parte de pais e de jovens interessados em reproduzir a carreira meteórica de algum jovem com o qual se identifiquem e que acabem por servir de modelo para a sua conduta. Discursos dos atletas, a preocupação da mídia em focar as origens sociais destes e as imagens dos jovens desfilando com carros modernos, paramentados por jóias e por roupas de marcas famosas fazem com que eles se tornem modelos de conduta e o desejo de reprodução de sua história torna-se premente em toda a sociedade independente da classe social a qual o indivíduo pertença.

¹ Aparentemente porque no caso específico do futebol 82,17 % dos atletas recebe até R\$ 360 reais, em dólares americanos cerca de 170 dólares. Fonte: Departamento de Registro e Transferência da CBF

A mídia como fomentadora do modelo

A mídia, principalmente a televisiva, através de seus programas nos canais de maior audiência do Brasil, procuram a todo momento relatar casos de atletas que conseguiram alcançar uma posição social privilegiada. Relatos das infâncias pobres dos atletas são corriqueiros nas entrevistas realizadas e os focos das perguntas procuram, na maioria das vezes, abordar a questão da infância difícil do ponto de vista econômico, pela qual o atleta passou, ou das dificuldades econômicas atuais, no caso de atletas que ainda estão em busca do sucesso. Jornalistas experientes repetem o mesmo esquema, inclusive quando são feitas entrevistas com jovens em projetos sociais que não tenham no alto rendimento o seu foco, a pergunta: “quem é seu ídolo no esporte”? ou “você espera se tornar um novo Ronaldinho Gaúcho²”? são recorrentes.

A insistência em focar sobre o alto rendimento desportivo desvirtua o sentido das ações que, absolutamente não pretendem criar expectativas sobre o futuro dos jovens no esporte, e sim possibilitar a discussão de valores relacionados ao esporte e mesmo a vida cotidiana. Com efeito, o que observamos na nossa prática cotidiana é que os próprios jornalistas desvirtuam as ações engendradas para que estas acabem por se enquadrar no modelo do alto rendimento esportivo e conseqüentemente em maior audiência para a sua matéria.

² Jogador de futebol brasileiro escolhido o melhor do mundo em 2005 e referencia para os jovens brasileiros

O Estado como avalista do modelo do esporte de alto rendimento

Para Bracht (2003) existem três momentos onde predominaram os seguintes motivos para intervenção do Estado no setor esportivo: a) momento policialesco, para a manutenção da ordem pública, b) afirmação internacional, com efeito legitimador interno e c) por uma política de saúde/lazer e interesse econômico do esporte. No Brasil podemos perceber que o foco acaba por recair no item “B” da análise do autor porque mesmo o item “A”, em face da forma como o brasileiro lida com seus problemas cotidianos, nos parece que é ignorado pelo Estado. Para o mesmo autor “o parceiro de interação do Estado, para assuntos do esporte, sempre foi a organização ou os elementos do sistema esportivo nacional construído exatamente para tal. Assim, ainda hoje, existe uma dificuldade enorme do poder público perceber que outras organizações da sociedade civil como parceiras em potencial (...), esse modelo coloca como coroamento do esporte a obtenção de resultados internacionais expressivos, porque é desta forma que o retorno em capital simbólico, traduzível em capital político, para o sistema político, se efetiva. Massificar sim, para termos mais heróis”

Talvez a primeira percepção de que um Estado não tem interesse na massificação de práticas esportivas voltadas para o esporte participação seja o completo desinteresse com o qual trata os espaços públicos voltados e de como investe recursos para o esporte como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 6 - Percentual dos recursos aplicados na função desporto e lazer em relação ao total de despesas, segundo classes de tamanho da população dos municípios e Grandes Regiões - 2002-2003

Classes de tamanho da população dos municípios e Grandes Regiões	Percentual dos recursos aplicados na função desporto e lazer em relação ao total de despesas (%)	
	2002	2003
Total	0,96	0,90
Classes de tamanho da população		
Até 5 000 hab.	1,15	0,99
De 5 001 a 20 000 hab.	1,18	0,99
De 20 001 a 50 000 hab.	1,12	1,01
De 50 001 a 100 000 hab.	1,10	1,01
De 100 001 a 500 000 hab.	0,94	0,92
Mais de 500 000 hab.	0,76	0,78
Grandes Regiões		
Norte	0,66	0,46
Nordeste	0,69	0,54
Sudeste	1,10	1,07
Sul	0,98	0,95
Centro-Oeste (1)	0,96	0,79

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2004; Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional.

(1) Exclui o Distrito Federal.

Observamos que somente em casos esporádicos o Estado brasileiro gastou mais de um por cento de seus recursos na função desporto, este é um indicador claro do modo como o Estado não dá absolutamente nenhuma importância para a prática dos esportes que não sejam de alto rendimento. Por outro lado, observamos, no que tange os interesses relacionados ao esporte de alto rendimento, que o Estado procura sempre estar presente, seja através de ações pontuais, como patrocínios das seleções dos esportes chamados amadores (vôlei, basquete, handebol), seja através de programas de incentivos fiscais,³ ou mesmo em função da propaganda ocasionada por vitórias em competições internacionais. Em suma o Estado brasileiro acaba por exercer o patrocínio dos esportes

³ É de se notar a política de incentivos fiscais realizada pelo estado da Bahia, através de um programa de incentivo fiscal chamado FazAtleta. Em 2006, organizações não governamentais tinham aprovados seus projetos que fomentassem a prática do esporte para jovens oriundos de classes menos favorecidas e que não visavam o alto rendimento, em 2007, com a mudança de governo no estado e assumindo um governo de esquerda, este decidiu que os únicos projetos que poderiam ser apresentados no programa eram aqueles que visavam o alto rendimento esportivo.

de alto rendimento, ao mesmo tempo em que pouco contribui para o desenvolvimento do esporte de uma maneira geral no país, acaba portanto, tão somente se beneficiando de vitórias episódicas em competições que trazem uma sensação de que a política esportiva está sendo feita da maneira correta. Ações voltadas para a disseminação do esporte, quando existem, procuram focar no alto rendimento esportivo e partem em regra do princípio de que o Estado teria que proporcionar condições para que “verdadeiros campeões” aparecessem.

Nesse sentido no ano de 2004 foi realizada uma ação amplamente divulgada por todo o Brasil que visava tão somente a identificação de talentos esportivos para proporcionar ao país vitórias no cenário internacional, para tanto aconteceu um fim de semana esportivo, onde alunos de escolas públicas foram impelidos a prática dos esportes e aqueles que se destacassem em alguma atividade teriam a possibilidade de treinamento personalizado para o desenvolvimento da técnica para a qual eles tivessem aptidão, não nos surpreendeu que a ação foi um fracasso completo e que não teve absolutamente nenhum desdobramento futuro.

A continuidade de tal pensamento, voltado para o fomento do esporte de alto rendimento, se dá no presente momento com a realização dos jogos pan-americanos no Rio de Janeiro em 2007. Recursos foram alocados de maneira generosa, inclusive sendo ultrapassado o teto sugerido para a sua realização, mas o sentimento que existe atualmente no país é o de que o Estado estaria interessado na disseminação da prática esportiva, mas que prática seria esta se não a prática voltada para o alto rendimento? No que concerne à competição entre o esporte de alto rendimento e o esporte participação o poder público brasileiro escolheu o seu lado, utiliza o discurso do fomento ao esporte

tão somente para legitimar uma conduta que em seu fim último pretende colher frutos para a propaganda. Talvez o retrato maior da subserviência do Estado ao modelo de alto rendimento esportivo tenha sido o do comportamento do ex-ministro do esporte, Agnelo Queiroz, quando subiu ao pódio na Taça das Confederações de 2005, competição realizada na Alemanha, e ficou com a medalha de um dos atletas brasileiros que jogou a competição⁴, ação que demonstra de uma maneira explícita o papel do Estado brasileiro no que diz respeito as suas ações relacionadas ao esporte, pouco faz e fica com os louros.

A dificuldade de implementação de projetos com o foco no esporte participação/educação

Instituições não vinculadas ao Estado brasileiro parecem ter entendido, antes deste, a importância das ações voltadas para o esporte. Nesse sentido ações vêm sendo desenvolvidas, principalmente focadas no desenvolvimento de práticas esportivas voltadas para o público infanto-juvenil, contudo, essas ações têm encontrado diversas dificuldades, que procuraremos aqui demonstrar, em função da prática adquirida em quatro anos de atividades ocorridas no Instituto Fazer Acontecer (IFA) e que tem como foco principal o desenvolvimento dos jovens para a cidadania através da prática esportiva. Nesse sentido, além da ação incipiente do Estado, encontramos algumas dificuldades de ordem prática que podemos considerar decorrentes do tipo de pensamento que decorre da visão de que o esporte deve ser necessariamente de alta competição. São eles: O papel dos pais dos adolescentes, a expectativa dos jovens que participam dos projetos e a questão do gênero dos praticantes.

⁴ A seleção brasileira foi a campeã da competição aplicando uma goleada na Argentina

O papel dos pais

Em todas as comunidades atendidas pelo Instituto Fazer Acontecer observamos a mesma conduta relacionada à expectativa proporcionada pela prática esportiva. A conduta de quem espera que seu filho, através daquela atividade, possa conseguir um diferencial técnico para poder adentrar em um clube de futebol e destacar-se em algum teste realizado por estes clubes, a famosa “peneira”⁵.

Os pais não ficam satisfeitos quando lhes é dito que o objetivo das ações não são focadas para se transformar o seu filho em atleta profissional e sim no sentido de se trabalhar valores relacionados a conquista da cidadania e relacionais, nesse sentido a fala de um pai é esclarecedora das dificuldades encontradas pelos agentes do instituto:

“Meu filho só sai de casa pra jogar bola se for pra aprender profissionalmente, sair de casa pra bater baba⁶ ele não sai, eu só acredito que meu filho pode se desenvolver com esporte se for pra ganhar dinheiro”

A idéia de que o esporte não serve pra outra função que não a de ganhar dinheiro está profundamente enraizada na cabeça do brasileiro. O modelo do esporte de alto rendimento se impõe e a idéia de que não existe outra possibilidade de inserção esportiva é bastante forte. Para alavancar qualquer tipo de ação nesse sentido é necessário se fazer todo um processo de esclarecimento para que os pais aceitem e compreendam que o esporte tem uma função que vai além da de poder colaborar para uma suposta ascensão social

⁵ A peneira é uma seleção realizada pelos profissionais do clube onde existem vagas. Trata-se de uma garimpagem de atletas que tenham potencial para o desenvolvimento da prática esportiva

⁶ A forma popular de se chamar o futebol praticado sem regras definidas, no sudeste do Brasil é a pelada.

A expectativa dos jovens

Os jovens brasileiros de baixa renda que gostam e se vêem como hábeis num esporte têm uma grande expectativa de serem descobertos por um clube. Como dito anteriormente, a mídia exerce uma influência bastante relevante sobre esta expectativa, principalmente se o esporte em questão for o futebol.

Não é de se admirar que quando existe a possibilidade de uma prática sistemática deste esporte as expectativas sejam extrapoladas e que os jovens acabem, pelo menos de início, a fomentar para si próprios sonhos altos relacionados a consumo e a fama que são embalados pela perspectiva do esporte de alto rendimento.

Na experiência do Instituto Fazer Acontecer percebe-se que o discurso dos jovens praticantes do esporte o mesmo tipo de fala que acomete seus pais, ou seja, se não houver claramente a razão utilitária da prática, ela não tem como se sustentar, e não é de se surpreender que o instituto tenha um nível de absenteísmo alto no início de suas atividades anuais por concorrer com ações destinadas as comunidades por indivíduos e instituições, como clubes de futebol, que fomentam a prática esportiva visando detectar jovens talentos. Percebemos na fala de um jovem toda essa expectativa:

“Eu até gosto de jogar bola aqui no IFA, mas eu tô sempre procurando ver se dá pra eu ser aceito na escolinha do Vitória⁷, eu sempre peço pro meu pai pra ele pagar e no dia que ele tiver o dinheiro eu vou pra lá que de lá eu posso ir pro Vitória”.

⁷ Clube de futebol de Salvador

Na fala deste jovem percebemos que pode até existir prazer na prática esportiva que não foca o alto rendimento, contudo a razão utilitária se impõe ainda que isso possa significar um custo para a família que é totalmente justificado pela possibilidade de dinheiro e fama visto que todas as ações do IFA são gratuitas.

A questão do gênero

O esporte de alto rendimento pressupõe a divisão pelo gênero do participante e nesse sentido uma outra dificuldade que encontramos na prática do IFA diz respeito a não aceitação, principalmente pelos jovens do sexo masculino, de praticarem o esporte com meninas. Vejamos a seguinte fala de um aluno:

“Jogar futebol com mulher não dá certo. Elas não sabem, não agüentam o tranco e sempre que uma tá no meu time nós perdemos, eu sempre quero escolher os meninos pro meu time. Ainda por cima se a gente perde a gente tá lascado que a perturbação é muito forte”

A fala do garoto esta imbuída de preconceito que está diretamente vinculado ao fato de se “saber” jogar o esporte. Nesse caso o saber é em função da conquista, a idéia de que se vencer é mais importante que se praticar. De novo percebemos o esporte de alto rendimento sendo o parâmetro pelo qual o jovem pauta a sua conduta. Diversas condutas relacionadas à segmentação por gênero são encontradas na prática esportiva destes jovens, percebemos claramente que as meninas deixam de ser escolhidas para as atividades e em determinados momentos são vitimas de violência verbal por não entenderem de maneira muito clara as regras e não terem a habilidade técnica considerada adequada pelos garotos.

O Instituto Fazer Acontecer: Contribuições de um projeto para a formação para a cidadania através da prática esportiva.

O Instituto Fazer Acontecer foi criado a partir de um projeto nascido dentro de um clube de futebol profissional, o Esporte Clube Vitória. Tratava-se de início de uma atividade voltada para a formação dos jovens atletas para além da prática desenvolvida dentro da instituição esportiva. Durante dois anos realizamos palestras semanais abordando assuntos como sexualidade, violência, meio-ambiente e saúde. Sempre foi interessante notar que os jovens pouco se interessavam pelas palestras e não viam a hora de começar a hora do treino para se livrarem destas. Em função dessa dificuldade, conversas aconteceram com os treinadores, e os jovens, que pouco participavam, foram sendo penalizados no campo de treinamento o que acabou por aumentar a participação destes nos encontros.

Em março de 2002 este projeto foi finalizado e pensou-se na possibilidade de criação de um projeto em comunidades pobres de Salvador que vinculassem a prática esportiva com aulas de formação para a cidadania, nesse momento ainda contávamos com ex-treinadores de futebol como professores nas aulas de esporte e a ação desportiva era desvinculada das aulas de formação para a cidadania que ocorria então numa faculdade da cidade. Este modelo durou dois anos e os atendidos eram unicamente adolescentes do sexo masculino.

Em 2004, foi percebido que o modelo aulas de esporte com um objetivo, no caso a melhora da qualidade técnica dos participantes, e aulas de cidadania, visando a melhoria da formação educativa dos mesmos, não criava um interesse maior por essa última. Os

garotos atendidos não conseguiam estabelecer uma ligação entre as duas práticas valorizando muito mais o esporte em detrimento das aulas de formação para a cidadania.

Deixando de lado a expectativa de se criar atletas para a inserção em clubes de futebol, o projeto foi retomado com adolescentes de ambos os sexos e os professores foram trocados por profissionais da educação física que entendessem que o modelo de alto rendimento não seria o modelo adotado pela instituição. Traçaram-se então algumas regras para a inserção dos jovens no projeto, a partir daquele momento não deveria ser mais levado em consideração o nível de habilidade dos adolescentes no futebol, bem como sua capacidade física (peso, altura etc). O conhecimento das regras do esporte também não se fazia mais necessário.

O esporte, desde então, foi sendo utilizado neste projeto como um meio para se trabalhar as relações de grupo, a auto-estima, as diferenças, as expectativas, as frustrações, a questão da disciplina e dos limites. Não se desejava reproduzir a idéia do futebol como uma possibilidade de ascensão social.

Assim, ressaltou-se, no início do projeto e no decorrer das aulas, que esta atividade não teriam como objetivo a formação de atletas para futura atuação em equipes profissionais de futebol ou mesmo a inserção dos jovens nas categorias amadoras dos clubes.

Este modelo acabou por encontrar, principalmente em seu início, as dificuldades já citadas anteriormente, contudo, percebeu-se que no decorrer do tempo, as dificuldades expostas, por conta do modelo de alto rendimento ser o referencial, não foi um

impedimento para que as ações fossem sendo, aos poucos, assimiladas pelos jovens, o que acabamos observando foram falas de aprovação pelo entendimento de que o esporte teria realmente a possibilidade de ensino de questões que vão além do aprendizado das técnicas e habilidades do esporte.

De fato, em comunidades atendidas, por mais de dois anos, a aceitação do modelo inclusivo da participação que retira o foco do rendimento esportivo tem sido bem aceito pelos adolescentes participantes e suas famílias como observamos na fala de uma das mães que tem seu filho em um dos projetos do IFA:

“Meu filho não se dava bem com minha filha, ele achava que ela não sabia fazer nada direito, depois que ele entrou no projeto junto com ela, eles tem se relacionado melhor em casa. Antes eles não jogavam bola juntos porque ele tava sempre querendo fazer parte de uma escolinha⁸, depois que eles entraram juntos no projeto as brigas diminuíram bastante e eles hoje são amigos e vem sempre junto para as atividades.”

A prática esportiva focada na participação e na educação acaba por abrir maiores possibilidades de exploração de outros temas entre os jovens, questões relacionadas a disciplina, a organização, ao respeito mútuo e outras questões são encorajadas nas aulas deixando-se em segundo plano o fomento a aprendizagem da técnica, o que seria normal no caso do foco ser no alto rendimento esportivo, vejamos a seguinte fala de um pai dos garotos:

“Meu filho hoje é muito mais organizado do que era antes, ele tem maiores responsabilidades, às vezes o professor pede pra que ele encha as bolas em casa e ele se preocupa pois sabe que a atividade só vai acontecer se ele cumprir seu papel. Ele deixou de chegar atrasado nos locais e procura sempre estar organizado. Eu vim aqui outro dia e falei com o professor e ele disse que era por causa das aulas, que eles ali tinham responsabilidades que não era só bater baba⁹, eu nunca pensei que o esporte podia servir pra isso”

⁸ Este é o nome que se dá as escolas direcionadas para o alto rendimento esportivo. Geralmente são vinculadas a clubes de futebol.

⁹ Forma popular de se referir ao jogo de bola em Salvador

As ações do IFA não são inovadoras, procuram tão simplesmente focar o esporte diante de outra perspectiva, procuram apontar, para o poder público inclusive, que a possibilidade de inserção e de não exclusão é maior quanto mais ampla for a possibilidade de pessoas ingressarem na prática esportiva que deixa de ser limitadora. O jovem que não podia entrar numa escolinha por ser obeso pode participar, o jovem que tem problemas de visão pode participar, a menina pode participar junto com os meninos, a participação que era exclusiva de um grupo de jovens que teriam que preencher determinados requisitos, passa a ser muito mais democrática.

O Estado e a mídia, representados por seus dirigentes e executivos, parecem não entender que o esporte de alto rendimento é limitador, que não pode ser visto como única possibilidade de prática, ações como a do IFA apontam para caminhos de inclusão, caminhos de formação para a cidadania e não somente para a participação em eventos pontuais que visem tão somente o benefício de poucos, passando a idéia de que a ação é aberta para a inserção de muitos.

Referencias Bibliográficas

Andrade, José Vicente de. **Lazer, princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**, Belo Horizonte, Editora Autentica, 2001, 198p

Bracht, Valter. **Sociologia crítica do Esporte, Uma Introdução**, Rio Grande do Sul, Editora Unijai, 2003, 134p

DaMatta, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis, Para Uma Sociologia do Povo Brasileiro**, Rio de Janeiro, Ed Rocco, 1997, 350p

DaMatta, Roberto. **O Universo do Futebol, Esporte e Sociedade Brasileira**, Rio de Janeiro, Edições Pinakhotke, 1982, 124p

Dumazedier, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**, São Paulo, Editora perspectiva, 2000, 3ª edição, 333p

Elias, Norbert. **Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion**, Cidade do México, Fondo de Cultura Economica, 1992, 350p

Filho, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**, Rio de Janeiro, MAUAD Editora, 2003, 343p

Florenzano et al. Futebol, **Espetáculo do Século**, São Paulo, Musa Editora, 1999, 281p

Huizinga, Johan. **Homo Ludens**, São Paulo, Editora Perspectiva, 2000, 4ª edição, 243p

Lucena, Ricardo de Figueiredo, **O Esporte na Cidade**, Campinas, Editora Autores Associados, 2001, 153 p

Lucena, Ricardo de Figueiredo, **Esporte, História e Sociedade**, Campinas, Editora Autores Associados, 2002, 248 p

Tubino, José Gomes Manoel, **Dimensões Sociais do Esporte**, São Paulo, Editora Cortez, 2001, 95 p